

Reunião de Havana não tem consenso

HAVANA — Quase todos os 60 delegados latino-americanos que falaram até ontem na reunião continental iniciada terça-feira, se manifestaram contra o pagamento da dívida externa. Cerca de 1.200 pessoas participam do encontro promovido por Fidel Castro, que prega o cancelamento do débito de US\$ 360 bilhões. A presença oficial é inexpressiva, mas, segundo a AFP, a maioria das correntes políticas, religiosas e sociais da América Latina e do Caribe estão presentes em Havana.

O presidente do Partido dos Trabalhadores do Brasil, Luís Ignácio da Silva, o Lula, afirmou ontem que a dívida está causando vítimas como uma guerra. "A terceira guerra mundial começou. No lugar de soldados mortos, temos crianças que morrem de fome nesta guerra que não é menos cruel", disse. Políticos de oposição do Cone Sul, como socialistas chilenos consideram "ilegítimas" as dívidas contraídas pelas ditaduras militares. No entanto, um membro da direção da organização guerrilheira colombiana M-19, Antonio Navarro Wolff, apoiou o "consenso de Cartagena".

Somente a Nicarágua e a Guiana, com governos próximos de Cuba, estão representados por seus vice-presidentes. A Bolívia e o Equador

enviaram altos funcionários, enquanto a Argentina e o Panamá têm delegados sem responsabilidades oficiais. A tônica das intervenções dos representantes governamentais, de partidos no poder ou com perspectivas de chegar ao poder, foi a recomendação de prudência e análise aprofundada das consequências do não-pagamento. A propósito, o chanceler dominicano, José Augusto Vega Imbert, declarou em São Domingos ter esperança de que a reunião de Havana sirva para reforçar as posições dos 11 países do "consenso de Cartagena".

A conferência tem seu final marcado para hoje, mas acredita-se que o encerramento será adiado. Fidel Castro assiste às reuniões e deverá falar no final, reiterando as declarações de que a dívida latino-americana é "econômica, política e moralmente impagável". Com isto ele dá prosseguimento à campanha contra os credores da América Latina. Há duas semanas o presidente cubano promoveu outra reunião para tratar do assunto, com sindicalistas. Desta vez, a maioria dos delegados é formada por políticos, acadêmicos, economistas e empresários de relativa importância. Segundo a Reuter, 400 jornalistas fazem a cobertura do evento.